

Índice

Émile Zola por Guy de Maupassant	7
Prefácio da Segunda Edição	25
<i>Thérèse Raquin</i>	31

Capítulo Um

Ao fundo da Rua Guénégaud, vindo dos cais, fica a viela do Pont-Neuf, espécie de corredor estreito e sombrio, que liga a Rua Mazarine à Rua de Seine. Esta viela tem trinta passos de extensão e dois de largura, quando muito; o pavimento é de lajes pardacentas gastas, desconjuntadas, que ressumam uma humidade ácida; o tejadilho envidraçado que o cobre, em ângulo reto, é negro de sujo.

Nos lindos dias, quando um sol ardente dardeja as ruas, uma claridade alvadia cai dos vidros sujos e arrasta-se, miseravelmente, pela viela. Nos dias feios de inverno, nas manhãs enevoadas, os vidros só projetam trevas sobre o lajedo viscoso, trevas emporcalhadas e ignóbeis.

À esquerda cavam-se as lojas escuras, baixas, esmagadas, de onde se filtra um ar frio de cripta. Há por ali alfarrabistas, vendedores de brinquedos, papeleiros, cujas montras rasas de pó dormem vagamente na sombra; as vitrinas, de vidrinhos miúdos, projetam estranhos reflexos ondulados nas mercadorias expostas; lá para o fundo, por detrás dos balcões, as lojas, cheias de negrume, têm seja o que for de buracos lúgubres onde se agitam formas caprichosas.

À direita, e a toda a extensão da viela, corre uma muralha, contra a qual os lojistas fronteiros alinharam mostruários estreitos; objetos indescritíveis, para ali esquecidos há mais de vinte

anos, exibem-se em finas prateleiras pintadas de um castanho horrível. Uma vendadeira de joias falsas instalou-se num desses mostruários; vende anéis de quinze *sous*, delicadamente reclinados num leito de veludo azul, no fundo de um estojo de mogno.

Para além do tejadilho envidraçado, a muralha continua, negra, grosseiramente rebocada, dir-se-ia coberta de lepra e cavada de cicatrizes.

A viela do Pont-Neuf não serve de passeio. Mete por ali quem procura evitar um desvio, para ganhar alguns minutos. Atravessa-a, em geral, gente açodada, cuja única preocupação é chegar depressa e cortar a direito. Por lá passam aprendizes, com os seus aventais de trabalho, operárias que entregam as suas tarefas, homens e mulheres com embrulhos debaixo do braço, e ainda velhos arrastando-se pelo crepúsculo triste que cai do tejadilho envidraçado e bandos de garotos que ali aparecem, à saída da escola, em grande algazarra, correndo, sapateando no lajedo. Todo o dia há um ruído seco e precipitado de passos que ressoam nas pedras com uma irregularidade irritante; ninguém fala, ninguém lá se demora; todos passam açodados, de cabeça baixa, caminhando rapidamente, sem sequer relancearem os olhos aos lojistas. Estes observam, inquietos, os transeuntes que, por milagre, se detêm diante das suas montras.

À noite, três bicos de gás, dentro das suas lanternas pesadas e quadrangulares, iluminam a viela. Estes bicos de gás, suspensos do tejadilho envidraçado, sobre o qual projetam manchas de claridade fulva, distribuem à volta rodela de uma luz pálida, que estremecem e parecem desaparecer por instantes. A viela ganha então o aspeto sinistro de uma verdadeira encruzilhada suspeita; grandes sombras estendem-se pelo lajedo, um hálito húmido sobe da rua; dir-se-ia uma galeria subterrânea, vagamente iluminada por três lâmpadas funerárias. Os negociantes contentam-se com os escassos fulgores que os bicos de gás projetam nas suas montras; apenas acendem, nas baiucas, um candeeiro, com o quebra-luz, que poisam a um canto do balcão, permitindo aos transeuntes distinguir o que há no fundo desses buracos onde a

noite vem passar o dia. Sobre a linha enegrecida das montras, as vidraças de um papeleiro cintilam; dois candeeiros de xisto perfuram a sombra com a sua chama amarela. E do outro lado uma vela, plantada no meio de uma chaminé de candeeiro, projeta estrelas de luz num estojo de joias falsas. A vendedeira dormita no fundo do seu mostruário, as mãos aconchegadas debaixo do xaile.

Alguns anos atrás, diante desta vendedeira, havia uma loja cujos madeiramentos verde-garrafa transpiravam humidade por todas as juntas. A tabuleta, uma chapa estreita e comprida, tinha, em letras pretas, a palavra: *Capelista*, e numa das vidraças da porta estava escrito um nome de mulher: *Thérèse Raquin*, em caracteres vermelhos. À direita e à esquerda cavavam-se montras profundas, forradas de papel azul.

Durante o dia, lá dentro nada mais se via senão o balcão, num claro-escuro amaciado.

De um lado havia roupas interiores: toucas de tule encanudadas, a dois e três francos cada uma, mangas e golas de musselina e ainda tricôs, meias, peúgas, suspensórios. Todos estes objetos, amarelados e amarrotados, pendiam, lamentavelmente, de um fio de arame. A montra via-se assim cheia de alto a baixo de trapos esbranquiçados, que ganhavam um aspeto lúgubre na obscuridade transparente. As toucas novas, de um branco mais vivo, formavam manchas cruas no papel azul que forrava as prateleiras. E dependuradas, ao longo de um varão, peúgas de cor punham uma nota sombria no isolamento alvacentos e vago da musselina.

Do outro lado, numa montra mais estreita, exibiam-se grossos novelos de lã verde, botões pretos cosidos sobre cartas brancas; caixas de todas as cores e de todas as dimensões, redes para o cabelo, com pérolas de aço, expostas sobre círculos de papel azulado, feixes de agulhas de fazer meia, papéis de bordar, meadas de fita, montes de objetos baços e decrépitos que ali dormiam, sem dúvida nenhuma, havia cinco ou seis anos. Todas as cores tinham desbotado para cinzento sujo nesse mostruário que a poeira e a humidade apodreciam.

Pelo meio-dia, no verão, quando o Sol dardejava praças e ruas com seus raios fulvos, divisava-se, por detrás das toucas da outra montra, um perfil pálido e grave de rapariga. Este perfil sobressaía vagamente das trevas que reinavam na loja. À testa baixa e seca adería um nariz comprido, fino e afilado; os lábios eram dois finos traços cor-de-rosa-pálido e o queixo, curto e nervoso, ligava-se ao pescoço por uma linha elástica e cheia. Não se via o corpo, que desaparecia na sombra; apenas avultava o perfil, de uma brancura mate, perfurado por um olho preto muito aberto, e como que esmagado sob uma espessa cabeleira negra. Ali ficava horas, imóvel e tranquila, entre duas toucas, em que os varões húmidos tinham posto manchas de ferrugem.

À noite, estando aceso o candeeiro, via-se o interior da lojinha. Era mais comprida do que profunda; num dos extremos ficava um pequeno balcão; no outro, uma escada de caracol levava aos quartos do primeiro andar. Contra as paredes viam-se as vitrinas, os mostruários, as filas de cartões verdes; quatro cadeiras e uma mesa completavam o mobiliário. A casa parecia nua, glacial; os artigos, empacotados, arrumados aos cantos, não se espalhavam pela loja com o seu alegre alvoroço de cores.

Habitualmente havia duas mulheres sentadas atrás do balcão, a rapariga de perfil grave e uma velha que sorria enquanto dormitava. Esta última teria os seus sessenta anos: seu rosto farto e plácido embranquecia à claridade do candeeiro. Um corpulento gato listrado, enovelado a um canto do balcão, olhava para ela, que dormia.

Mais abaixo, sentado numa cadeira, um homem dos seus trinta anos lia ou conversava em voz baixa com a rapariga. Era pequeno, enfermigo, de aspeto dormente; os cabelos, de um loiro melado, a barba rala, o rosto cheio de sardas; tinha qualquer coisa de uma criança doente e mimada.

Um pouco antes das dez horas, a velha despertava. Fechavam a loja, e toda a família subia para o andar de cima. Iam dormir. O gato listrado seguia os donos ronronando, esfregando a cabeça por todos os varões do corrimão.

Lá em cima, a casa compunha-se de três divisões. A escada ia dar à sala de jantar que era ao mesmo tempo sala de visitas. À esquerda havia um fogão de faiança num nicho; defronte ficava um aparador; depois, ao longo da parede, alinhavam-se cadeiras; uma mesa redonda, toda aberta, ocupava o meio da casa. Ao fundo, atrás de um biombo envidraçado, era a cozinha escura. De cada um dos lados da sala de jantar havia um quarto de cama.

A velha, depois de beijar o filho e a nora, retirava-se para o seu quarto. O gato adormecia em cima de uma cadeira da cozinha. Marido e mulher entravam no seu quarto. Esse quarto tinha outra porta que dava para uma escada que descia para a viela ao longo de um corredor escuro e estreito.

O marido, sempre a tremer de febre, deitava-se; entretanto, a rapariga abria os vidros da janela para fechar as persianas. Ali ficava alguns instantes, diante da grande muralha negra, grosseiramente rebocada, que sobe e trepa para além da galeria. Passeava por essa muralha um olhar vago e mudo e vinha deitar-se, por sua vez, numa indiferença desdenhosa.